18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

‘HASTA LA RAÍZ’: BIBLIOTECA PÚBLICA DE MÉXICO JOSÉ VASCONCELOS

Arquitetura e Jardim como fundamentos para a transformação de seus contextos

ST1 – Paisagens e Naturezas

‘HASTA LA RAÍZ’: JOSÉ VASCONCELOS PUBLIC LIBRARY OF MEXICO

Architecture and Garden as principles for Contextual Transformation

CORSI DA SILVA, Daniel
Professor | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie e Doutorando | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, BR | corsi@danielcorsi.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0005-9212-7280

RESUMO

Este artigo integra uma pesquisa de doutorado dedicada à investigação das relações entre Arquitetura e Jardim, entendidas como síntese espacial entre cultura e natureza. O estudo aborda o problema contemporâneo da dissociação entre sistemas naturais e ambientes urbanos. Nesse contexto, analisa-se a Biblioteca Pública de México José Vasconcelos como experiência exemplar de articulação entre esses fundamentos, capaz de responder a demandas culturais, ambientais e urbanas. Adota-se abordagem qualitativa que reúne revisão bibliográfica, análise histórico-conceitual da tradição do jardim na cultura mexicana e leitura crítica do projeto arquitetônico e paisagístico, incluindo rebatimentos da visita in loco realizada pelo autor. As análises evidenciam que a relação entre arquitetura e jardim configura sistema espacial que amplia áreas verdes, contribui para regeneração urbana e qualifica o uso público por meio de experiências sensoriais associadas à paisagem. Conclui-se que sua integração, quando assumida como princípio projetual, constitui recurso ético e ecológico relevante para a requalificação do espaço urbano e fortalecimento de vínculos culturais com o território.

Palavras-chave: arquitetura; jardim; paisagem; autonomia; contexto.

ABSTRACT

This article is part of a doctoral research about the relationships between Architecture and Garden, understood as a spatial synthesis of culture and nature. The study addresses the contemporary problem of the dissociation between natural systems and urban environments. In this context, it analyzes the José Vasconcelos Public Library in Mexico as an example of articulation between these foundations responding to cultural, environmental, and urban demands. The study adopts a qualitative approach combining bibliographic review, historical-conceptual analysis of the garden tradition in Mexican culture, and critical reading of the architectural and landscape project, including reflections from an on-site visit by the author. The analyses demonstrate that the relationship between architecture and garden establishes a spatial system that expands green areas, contributes to urban regeneration, and enhances public use through sensory experiences of the landscape. It concludes that their integration, when assumed as a design principle, constitutes an ethical and ecological resource relevant to urban requalification and strengthening cultural ties with the territory.

Keywords: *Architecture; Garden; Landscape; Autonomy; Context.*

> "'*Un Canto por México*' é uma voz coletiva. Gosto de dizer que é como uma árvore da vida que, a partir de sua semente, inicia uma jornada de crescimento que ergue toda uma estrutura, que se expande e, por meio de seus ramos, vai criando conexões entre mundos. (…) Um canto à nossa tradição, nossa memória e nossas raízes." (LAFOURCADE, 2021, 5min 23s).[1]

ABERTURA: SOBRE RAÍZES

Despertado inicialmente pela obra da Biblioteca Pública de México José Vasconcelos (2003-2006) dos arquitetos mexicanos Alberto Kalach, Gustavo Lipkau, Juan Palomar e do paisagista Tonatiuh Martínez[2], este artigo nos coloca diante de uma construção arquitetônica e paisagística – no sentido ideário e material do termo – de relações profundas com os seus contextos geográfico e cultural. Por isso, os conceitos analisados estarão sempre relacionados a eles, refletindo o seu respeito às sabedorias tradicionais e evidenciando sua responsabilidade sobre as emergências contemporâneas. A necessidade de uma construção transversal dos tempos tem encontrado no contexto mexicano manifestações recentes que, reconhecendo seu papel ético e político, revelam sua potência como legítimos agentes de transformação. Assim, percorrendo o passado e o presente, essa é uma reflexão para o futuro.

Em 2025 foram celebrados os setecentos anos de fundação da grande Tenochtitlán, capital do império asteca erigida sobre o lago Texcoco numa simbiose singular entre paisagens naturais e humanas. É nesse lugar – hoje a Cidade do México – que se buscam lembrar e aprender com os saberes desse mundo antes de sua devastação pela dominação colonial de séculos atrás:

> "Colocar o passado pré-hispânico em destaque é um dos focos deste governo e do anterior, que, sem desconsiderar a herança espanhola e outras, defende o reconhecimento daquela época, bem como das atrocidades cometidas durante a invasão dos conquistadores." (MORÁN BREÑA, 2025).

Artistas de gerações recentes e de variadas manifestações vem se engajando significativamente sobre esse compromisso: Natalia Lafourcade é uma *'cantautora'* – cantora e compositora – mexicana cuja produção passou a se dedicar notavelmente à uma valorização das culturas tradicionais pelo próprio povo de seu país, como vemos nas palavras de abertura do musical que abrem esse texto e em inúmeras outras obras[3] suas fortemente compromissadas com as memórias musicais mexicanas e latino-americanas.

---

[1] Exceto quando indicado nas Referências, as traduções de textos em língua estrangeira são do autor.

[2] Alberto Kalach (Cidade do México, 1960), arquiteto pela Universidad Iberoamericana de Ciudad de México e pela Cornell University de Ithaca em Nova York, foi professor em diversas universidades nacionais e internacionais, dirige o Taller de Arquitectura X desde 1981; Juan Palomar (Guadalajara, 1956), arquiteto pela Universidad Jesuíta de Guadalajara, onde foi professor, diretor de Planejamento Urbano de Guadalajara e Zapopan; Gustavo Lipkau (Caracas, 1972), arquiteto pela Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional Autónoma de México, professor visitante em universidades nacionais e internacionais, cofundador da Futura Desarrollo Urbano e Tonatiuh Martínez (Monterrey, 1962), paisagista, biólogo e botânico autodidata desde 1985, fundador do Taller de Paisaje Entorno com oficina experimental na zona chinampera de Xochimilco.

[3] A partir de seu terceiro e quarto álbum, *Mujer Divina - Homenaje a Agustín Lara* (2012) e *Hasta la Raíz* (2016) – origem do título deste texto – Lafourcade inicia um novo vínculo com suas próprias raízes musicais mexicanas e latino-americanas.

Também compreendidos como manifestações culturais, a presença da Arquitetura e do Paisagismo nesse movimento se revela na obra aqui em estudo como uma das primeiras reivindicações simbólicas de escala monumental acontecidas no país nesse início de século a ter enfrentado os conflitos estruturais entre meio natural e meio humano, estes presenciados desde a chegada dos colonizadores à Tenochtitlán em 1521:

> "Falar de arquitetura e política no México tem sido, até muito recentemente, falar como o passado, em forma construída, foi recuperado, envolvido, distorcido, celebrado, negado, enterrado ou destruído. (…) Pode-se dizer que a nação mexicana moderna foi fundada na erradicação e recuperação sucessivas do passado, concretizando uma série atos de arquitetura de larga escala e profundamente políticos." (EGGENER, 2003, p. 19).

Por fim, as metáforas da árvore, da semente e das raízes não são gratuitas quando se fazem presentes nas palavras de Lafourcade: aparecem porque são vivas em seus valores e tradições. Numa identidade marcada por dualidades como vida e morte, subserviência e independência, tradição e modernidade, isso que nos aproxima da imagem de um jardim aparece como uma alegoria possível de convívio, reconciliação e ordenação frente ao caos, a violência e o temor sempre tão presentes. A Arquitetura e o Paisagismo não devem estar alheios a isso, e esta Biblioteca, unindo natureza e cultura, contemplação e utilidade, arquitetura e jardim, detém não apenas em sua imagem, mas em sua realidade o que nos tenta revelar Octavio Paz:

> "Atravessamos todos os dias a mesma rua ou o mesmo jardim; todas as tardes nossos olhos esbarram no mesmo muro avermelhado, feito de tijolos e tempo urbano. De repente, num dia qualquer, a rua dá para outro mundo, o jardim acaba de nascer, o muro cansado se cobre de signos. Nunca os tínhamos visto e agora nos assombramos por serem assim: a tal ponto e tão poderosamente reais." (PAZ, 2012, p. 140).

Figura 1: Vista aérea da Biblioteca Pública de México José Vasconcelos.



Fonte: BAAN, Iwan. Biblioteca Vasconcelos – Alberto Kalach, Cidade do México, 2018. Disponível em: https://iwan.com/portfolio/biblioteca-vasconcelos-library-alberto-kalach. Acesso em: 1 jun. 2025.

ATO 1: ALBERTO KALACH E O JARDIM MEXICANO

Alberto Kalach faz parte de uma geração de arquitetos contemporâneos mexicanos que transitou da pós-modernidade através da construção de linguagens que oscilaram entre heranças modernas e novos referenciais internacionais, algumas aparentemente alinhadas com

> "uma desintegração do 'projeto nacional' mexicano (...) que sugere que a arquitetura moderna no México vem abandonando suas batalhas antigas com um passado amplamente presente e que nos lembra que ainda existe um capital político que pode ser extraído dela". (EGGENER, 2003, p. 28).

É em sua obra que encontramos uma das mais sólidas sínteses entre invenção e tradição, consolidando-o como um herdeiro cultural legítimo igualmente debruçado sobre as novas demandas dos tempos atuais. Estrutura, geometria, diálogo com o meio ambiente e memórias culturais e simbólicas são conceitos sempre presentes em sua produção que, antes mesmo de ser coroada pela Biblioteca José Vasconcelos, já era reconhecida como "a mais original e escultórica do panorama contemporâneo (...) propostas que geram nova ideias urbanas numa destilação de reflexões sobre a cidade e o campo." (ADRIÀ, 2003, p. 76) Além disso, também é notável a busca de um diálogo com os seus antepassados culturais e geográficos – postura herdada da arquitetura e do paisagismo modernos mexicanos – radicalmente instaurados pela relação da Cidade do México (urbanidade) com as águas de seu lago original (natureza).

Para além dessa condição territorial, uma certa relação com o ambiente natural enraizada desde os astecas por sua visão cosmológica e por seu desejo de posse da paisagem em que viviam, encontrou na cultura do jardim um artefato possível a todos os quadros sociais capaz de manejar a vegetação exuberante como fonte de beleza e alimentos, onde

> "cada casa tinha seu próprio pátio interno, e os astecas sempre foram apaixonados por flores. Ao redor das cabanas dos subúrbios, existiam jardins rústicos onde as flores às vezes se misturavam com os vegetais nas *chinampas*[4] flutuantes. Os poderosos coroavam os terraços de seus palácios com plantas e flores." (SOUSTELLE, 1970, p. 30).

Assim, o desejo que veremos manifestado na Biblioteca por abarcar certa totalidade da natureza, carrega rasgos monumentais do México antigo onde seus soberanos "cuidaram de reunir ao seu redor todas as espécies de animais e plantas de seu país. (…) O primeiro Montezuma (…) decidiu estabelecer ali um jardim onde seriam cultivadas todas as espécies tropicais" (SOUSTELLE, 1970, p. 134) numa simbiose entre o construído e o natural à qual seus próprios colonizadores se renderiam "com entusiasmo à beleza das construções, particularmente à dos jardins." (SOUSTELLE, 1970, p. 27).

Durante a modernidade, a identidade dessa relação com a natureza – e com a noção de jardim – talvez tenha se manifestado primeiro em Juan O'Gorman e Luis Barragán, para quem

> "no jardim, o arquiteto convida o reino vegetal a colaborar com ele. Um belo jardim é uma presença permanente da natureza, mas uma natureza reduzida à proporção humana e colocada a serviço do homem, e é o refúgio mais eficaz contra as agressões do mundo contemporâneo." (BARRAGÁN, 2000, p. 59).

[4] Ilhas artificiais construídas por civilizações mesoamericanas através da fixação de estacas no fundo de áreas lacustres ou pantanosas, características do Vale do México.

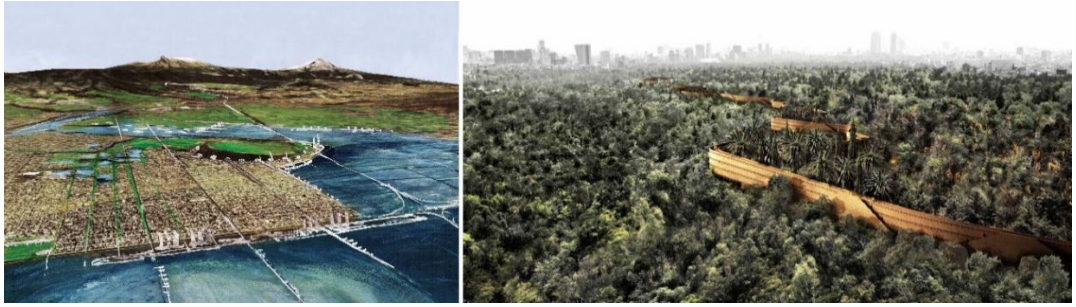
É ele quem consolida um patamar poético desse fazer na arquitetura mexicana e, para além das referências estrangeiras – o escritor Ferdinand Bac e a Alhambra na Espanha – constantemente mencionadas para justificar seu apreço por essa 'arte', é revelador como em sua obra Barragán parece redescobrir na sua paisagem local uma beleza própria que o leva a uma singular compreensão do jardim: "Em uma vasta extensão de lava ao sul da Cidade do México, fascinado pela beleza desta antiga paisagem vulcânica, propus-me a realizar alguns jardins que humanizassem, sem destruir, este maravilhoso espetáculo." (BARRAGÁN, 2000, p. 60) Portanto, considerando como essa ideia aparece na obra de Kalach – e seu papel monumental no projeto da Biblioteca – percebemos como o seu desejo é também derivado dessa mesma raiz poética:

> "Os jardins são construções espaciais que seguem o enredo da arquitetura, mas com uma diferença: a matéria é viva; cresce, transpira, muda de aromas, cores e formas; a interação sensorial se multiplica e a paleta de materiais se abre para dezenas de alternativas que mudam com as estações e os dias. As flores se abrem, movem-se com vento; a luz se multiplica, os sentidos se expandem... (...) O paraíso é um jardim." (KALACH, 2004, p. 22).

Por outro lado, sua contribuição – ou atualização – se evidencia quando assume – ou recupera – uma dimensão ética ambiental em relação à Cidade do México e suas águas, tomando o jardim como um elemento imprescindível à cidade e à arquitetura. É dessa forma que à cultura dos jardins domésticos e privados se soma a ecologia dos jardins urbanos e públicos, amplificando sua responsabilidade como um dos poucos recursos ainda capazes de viabilizar a continuidade da vida em cidades como essa que, com o tempo, passaram a abrigar milhões de pessoas.

Engajado com os problemas emergentes das grandes cidades contemporâneas de crescimento descontrolado e de sistemas naturais esgotados, Kalach realiza junto a outros parceiros, uma série de planos urbanos para sua cidade como o *'Ciudad Futura - Vuelta a la Ciudad Lacustre'*, *'Atlas de Proyectos para la Ciudad de México'* e, mais recentemente, *'Gran Chapultepec'*, que evidenciam um compromisso inquestionável com o seu contexto natural, social e cultural, explicitado pela valorização da relação entre cultura e natureza herdada das culturas pré-hispânicas e pela busca de reconciliação com o patrimônio vegetal do Vale do México e com as águas do Texcoco. Por fim, para além das ações estritamente urbanas, Kalach espelha essa mesma postura na maioria de seus projetos defendendo a ideia de todos os equipamentos públicos se tornarem também jardins urbanos e a disseminação de arquiteturas de vínculo direto com a memória mexicana, tratando o território complexo e conflitivo da cidade também como paisagem – hipótese embasada sobre a presença inegociável do jardim como síntese fundamental entre Arquitetura e Natureza, independentemente de sua escala e função. Esse é o lugar assumido e tornado exemplo categórico pela proposta da Biblioteca José Vasconcelos.

Figuras 2 e 3: Propostas urbanas *'Ciudad Lacustre'* e *'Gran Chapultepec'* de Alberto Kalach.



Fonte: ADRIÀ, 2021, p. 62-63.

ATO 2: A BIBLIOTECA E O SEU JARDIM

A Biblioteca Pública de México José Vasconcelos emergiu do contexto político que representava uma nova era de otimismo nacional impulsionado pelo governo do então presidente Vicente Fox (2000-2006). Surgia, sobretudo, como expressão simbólica da valorização e do investimento federal na cultura nacional, além de estímulo para a recuperação de um vetor urbano degradado na capital mexicana. Antigo bairro fabril há décadas desvalorizado e carente de equipamentos culturais, a zona central da Colonia Guerrero foi o lugar designado para a construção do projeto que viria a ser escolhido por meio de um grande concurso internacional de arquitetura[5] realizado durante o ano de 2003. O diálogo com a cultura e a geografia locais, a necessidade de um expedito processo de projeto e rapidez na execução da obra forma aspectos decisivos para a escolha do projeto vencedor – para alguns uma imperativa afirmação da cultura mexicana em relação ao mundo, para outros um acerto legítimo na escolha de "um arquiteto inspirado por temas universais e pelas raízes de sua cidade natal." (JIMÉNEZ, 2021, p. 21).

Inaugurada em maio de 2006 e completando vinte anos, a Biblioteca é um dos mais importantes edifícios construídos no México no atual século. Funcionando diariamente de modo gratuito, recebe aproximadamente duas mil pessoas durante a semana e dez mil aos sábados e domingos, número extraordinário se comparado a outras instituições do país. Foi a sensibilidade de suas gestões que reconheceu o potencial das apropriações espontâneas de seus espaços frente a tensão contemporânea entre experiencias reais e virtuais, valorizando uma arquitetura e uma paisagem que "fomentam os prazeres dos sentidos, o uso lúdico e criativo do tempo livre e as oportunidades de encontro, diálogo e convivência harmoniosa." (VÁZQUEZ MARTÍN, 2021, p. 17) Seus espaços interiores e exteriores são usados como um centro cultural e com a mesma liberdade que praças e parques públicos generosamente permitem. Isso se dá, em grande parte, pelo encontro entre a arquitetura e o jardim, cuja onipresença contrapõe o pulsar caótico da metrópole: "depois de percorrer as passarelas, escalar suas prateleiras e respirar as vistas de todos os lados da cidade, as sutilezas da atmosfera se tornam aparentes. Nos encontramos à vontade em um santuário que ameniza as condições hostis em suas muralhas" (CARR, 2019, p. 82) num locus de ambiências generosas, tranquilas e propícias a reflexões introspectivas.

Figura 4: Visita à Biblioteca realizada pelo autor em 02 de janeiro de 2026.



Fonte: Foto do autor, 2026.

[5] Recebidas 592 propostas de 32 países, tendo no juri A. Betsky, C. Jiménez, C. Pinós, L. Fernandez-Galiano, S. Ban e T. Williams, resultou em: 1º Prêmio - A. Kalach, J. Palomar, G.Lipkau, T. Martínez (Mexico), 2º Prêmio - E. Owen Moss (EUA), 3º Prêmio - D. Chipperfield (R. Unido), Finalistas - H. Vigliecca (Brasil), I. Broid, D. Bonilla, G. Mazzanti (Mexico-Colômbia), J. L. Mateo (Espanha) e J. C. Tello (Mexico), Menções Honrosas - D. Perrault, M. Adrià, M. Rojkind, D. Dellekamp (França-Mexico) e F. M. Casares (Mexico).

Figura 5: Vista da Biblioteca a partir da Avenida Eje 1 Norte.



Fonte: Foto do autor, 2026.

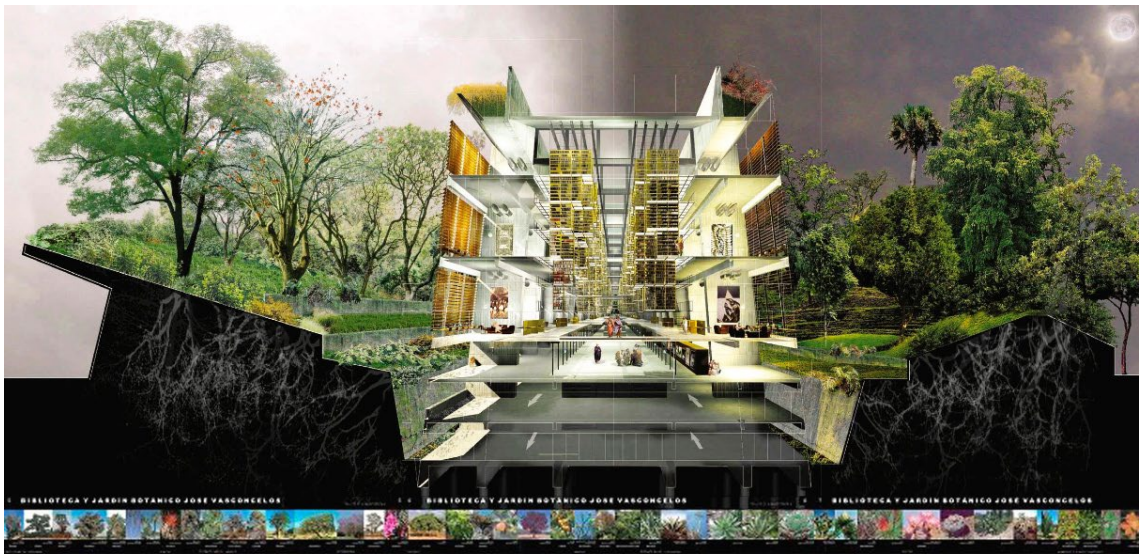
Figura 6: Praça e jardim de acesso principal à Biblioteca.



Fonte: LUQUE, Onnis. Biblioteca Vasconcelos – Alberto Kalach. TAX, Cidade do México, 2018. Disponível em: https://onnisluque.com/archivo/biblioteca-vasconcelos. Acesso em: 2 jun. 2025.

A Biblioteca é internamente percorrida como uma *'calzada'* asteca, cuja axialidade interna monumental de duzentos e cinquenta metros de extensão descortina uma nuvem de livros pairando numa atmosfera inundada por intensos efeitos de luz natural. Suspenso em seis andares de estantes metálicas, o acervo está rodeado por inúmeros ambientes e salas de leitura de várias escalas, espacialidades e visuais, sempre providas de luz natural e que se tornam grandes mirantes para a paisagem de seus próprios jardins e da cidade ao redor. A relação constante estabelecida entre interior e exterior é singular: enquanto uma face olha para o mundo interior do conhecimento e dos livros, a outra está sempre em contato com o mundo exterior da natureza e dos sentidos, percebido através de suas fachadas porosas e das varandas voltadas para os jardins, responsáveis por diferentes sons, aromas, cores e movimentos.

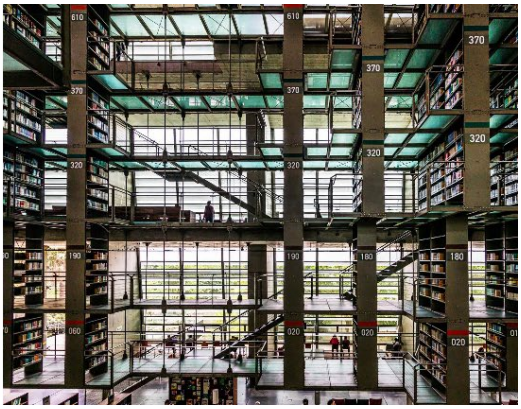
Figura 7: Corte transversal do projeto apresentado no Concurso Internacional de Arquitetura.



Fonte: ADRIÁ; GARCÉS, 2007, p. 52-53.

Figuras 8 e 9: Nave principal interna e estantes suspensas do acervo.





Fonte: JOHNSON, Brad A. Quick Look: Biblioteca Vasconcelos, Mexico City, Cidade do México, 2019. Disponível em: https://bradajohnson.net/2019/09/05/quick-look-biblioteca-vasconcelos-mexico-city. Acesso em: 3 jun. 2025.

Contrapondo a tradicional introspecção do *'hortus conclusus'*[6] consagrada pelas bibliotecas medievais, aqui o jardim está em todo o exterior, envolvendo o seu volume construído e sempre visível desde o seu interior, presente como um acervo natural evocado num mesmo patamar de importância que o acervo humano: enquanto dentro livros parecem flutuar nessa grande arca, fora, uma força telúrica traz na presença vegetal a transitoriedade da natureza, metáforas que só poderiam ter sido despertadas pelas conjunturas de nosso tempo instável e líquido.

Assim, alcançando o seu jardim, vemos como este se apresenta de modo variado, mas sempre expondo a sua exuberante vegetação a quem se aproxima. Recobertos por plantas e arbustos, em quase todo o seu perímetro predomina a presença dos muros que sustentam os taludes voltados para dentro do terreno. É apenas na sua praça principal de acesso que essa condição é rompida, prolongando-se desde a esplanada da estação de trem e com seu caráter único de espaço cívico do complexo, é responsável por receber os seus visitantes. A partir daí, tudo o que é o jardim passa a ser puro solo, chão e terra – campos, cantos, caminhos, meandros, sendeiros, espaços abertos e coletivos, espaços reservados e intimistas, praças, pátios, áreas sombreadas, áreas ensolaradas – onde vamos transitando por diversos tipos de ambientes e atmosferas, velocidades de percursos e situações de permanência e convívio numa riqueza vasta que faz jus à natureza e à botânica do bioma local tão exaltado pelos próprios arquitetos no memorial do concurso de arquitetura ao fundamentarem a razão dessa presença:

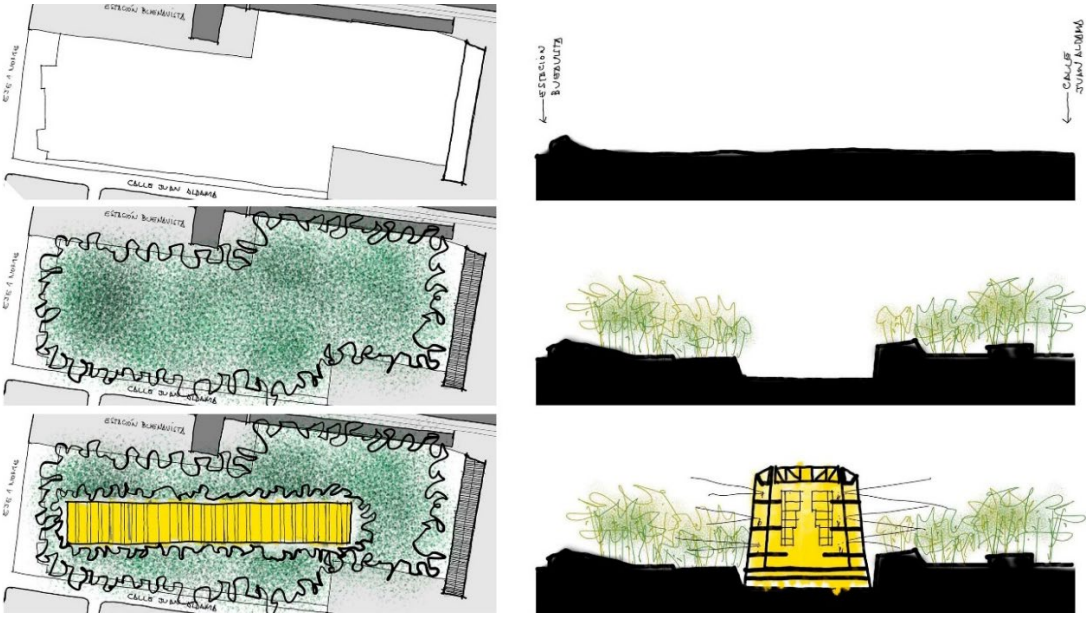
> "Representar uma paisagem única no Vale do México que informe, difunda e preserve a diversidade e riqueza vegetal que possuímos. Resgatar a cultura de preservação ecológica de nossos ancestrais, assim como retomar a criação de jardins botânicos na cidade. Criar um entorno ambiental favorável ao edifício, a fim de gerar condições ideais para seu funcionamento. Estabelecer um acervo vegetal que se vincule ao acervo bibliográfico da biblioteca, visando ampliar o conhecimento e o contato com a natureza. A estrutura do jardim será zoneada e organizada de acordo com critérios geográficos, taxonômicos e ecológicos, que incluem uma relação temática. Será dada preferência a espécies vegetais nativas do Vale do México e do país, e a flora característica da República Mexicana será representada, incluindo diversos ambientes específicos. Membros dos principais grupos do reino vegetal serão incorporados, ainda que apenas de maneira simbólica." (LOBATO VALDESPINO, 2010, p. 62).

Foi precisamente dessa maneira que se concretizou o jardim, tratado com uma complexidade paisagística e arquitetônica para além das dimensões técnicas e botânicas que intrinsicamente também envolve. Responsáveis por uma graduação tênue entre exterior e interior, seus setores são organizados basicamente em quatro tipos principais que denominamos nessa pesquisa como: (a) os 'Jardins Baixos', ao redor do edifício da biblioteca, definidos por vegetações epífitas e pendentes responsáveis por um efeito visual que envolve o volume em novas massas verdes e topografias criadas: como que emergindo de dentro da terra – com suas fachadas ininterruptas e aparentemente sólidas mas plenamente porosas – tem seu interior em relação direta e constante com o jardim, perceptível em todos os seus sentidos; (b) os 'Jardins Ambientes', definidos pelas áreas perimetrais e de taludes, concentram as maiores áreas arborizadas com árvores frutíferas, arbustos, plantas aromáticas e plantas comestíveis, acolhendo grande parte da variedade espacial e de percursos citados anteriormente; (c) os 'Jardins Coberturas',

[6] Expressão latina que significa 'jardim fechado', referindo-se a um espaço protegido por muros e, por isso, definido como um lugar puro, isolado e seguro.

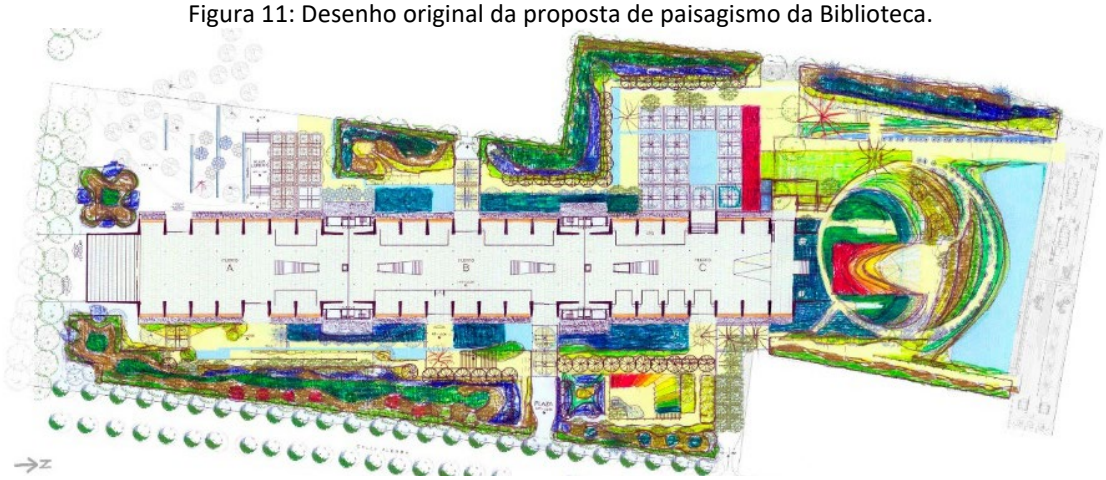
mimetizados nos três blocos anexos, são definidos pelas estruturas da Administração e da Livraria que suspendem o jardim em capitéis-vasos de concreto armado criando subterrâneos habitáveis paras suas atividades e pelo Auditório que irrompe do chão como uma rocha ancorada na própria terra sobre o qual se encontra um terraço-jardim como área de leitura informal; e (d) os 'Jardins Cultivo', definidos pelo restauro da subestação elétrica existente que, convertida pelos autores em estufa e viveiro desse novo jardim botânico, estabelece-se como aparato técnico de criação das mudas necessárias para todo o seu plantio, ou seja, a arquitetura concebendo a própria origem do jardim. Por fim, a água também participa de maneira fundamental dessa nova paisagem – presente nos espelhos d'água dispersos pelo jardim, bem como pelo lago diante da estufa – estabelecendo um sistema total de captação e irrigação, também vinculado ao grande tanque de retenção que figura na base do edifício da biblioteca.

Figura 10: Croquis de conceituação do conjunto Arquitetura-Jardim.



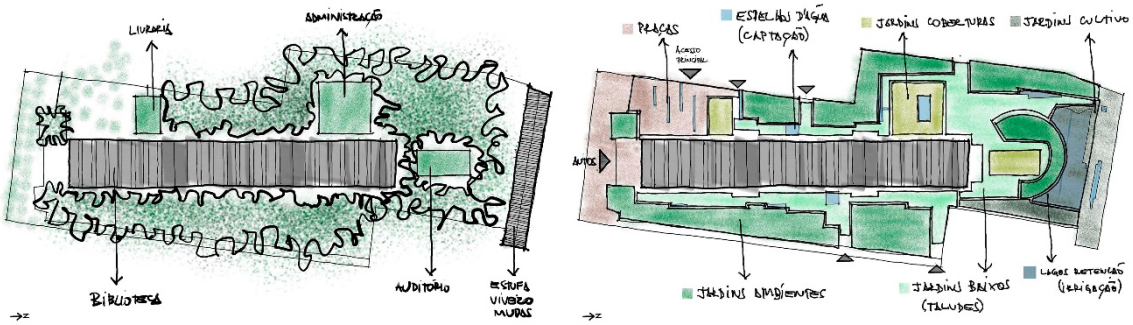
Fonte: Elaborados pelo autor, 2025.

Figura 11: Desenho original da proposta de paisagismo da Biblioteca.



Fonte: TALLER DE ARQUITECTURA X . ALBERTO KALACH. Biblioteca Pública de México José Vasconcelos. Disponível em: https://www.kalach.com/biblioteca-de-mexico. Acesso em: 1 mai. 2025.

Figura 12: Croquis de implantação geral dos volumes e setores do Jardim.



Fonte: Elaborados pelo autor, 2025.

Levando em conta a sua reverberação sobre todas as outras dimensões do projeto, e não somente como uma qualificação paisagística, Arquitetura e Jardim alcançam uma unidade absoluta cuja equidade desempenhará papéis sensivelmente ligados à cultura e à geografia locais. Tratado como elemento primário e não como coadjuvante da arquitetura da Biblioteca, aqui o jardim assume uma condição fundamental ao entregar ao público uma diversidade de lugares de convívio, permanência, estar, reflexão e intimidade que, somados à sua vocação inicial, tornam-se contribuições espaciais públicas inestimáveis. Ou seja, é para a construção de um significado e de uma experiencia sensível do bem-estar humano – individual e coletivo – com o ambiente social e natural que esse jardim aflora. Diante da regeneração urbana pretendida, é extraordinário o acontecimento de um novo jardim botânico de 26 mil m² (representando 70% da superfície de seu terreno de 38mil metros quadrados), preenchidos por quase 60.000 espécimes de 168 espécies variadas da flora endêmica mexicana, onde praticamente antes não havia vegetação alguma. Assim, considerando sua localização em um centro urbano ecologicamente árido e inóspito, é importante reconhecer a capacidade e a rapidez com que, em dez anos, sua vegetação foi capaz de alcançar um crescimento significativo e que, agora após vinte anos, mostra a condição plena de sua grande massa arbórea. É assim que o volume monolítico da arca – a Biblioteca – se insere num novo contexto também criado pela arquitetura e pelo paisagismo – o Jardim – numa indissociabilidade que embasa a inauguração de uma autonomia e de uma relação com a cidade enfaticamente fundamentada pelos autores:

> “Em uma cidade como a Cidade do México, com seu ambiente urbano contaminado e agressivo, a construção de prédios públicos deveria ser usada como uma oportunidade para criar novos espaços verdes. (...) O projeto visa gerar um polo de renovação ecológica e urbana que irradiará seus efeitos por uma ampla área. A biblioteca em si é uma tentativa de reunir a soma dos conhecimentos e da cultura humana. O jardim botânico que a complementará abrigará uma amostra abrangente da flora do Vale do México e do país. Cultura e natureza, tantas vezes em conflito, formarão aqui uma simbiose, na qual os usuários encontrarão um lugar onde poderão reconciliar os principais fatores que moldam sua existência. O projeto oferece a oportunidade de vivenciar a leitura em contato direto com um jardim e com tudo o que isso representa como experiência sensorial. O objetivo é proporcionar aos usuários uma aproximação efetiva com a cultura e a natureza.” (LOBATO VALDESPINO, 2010, p. 55).

Figura 13: ‘Jardins Ambientes’ nas laterais do volume da Biblioteca.



Fonte: LUQUE, op. cit, 2018.

Figura 14: ‘Jardins Baixos’ no nível inferior do volume da Biblioteca.



Fonte: Fonte: LUQUE, op. cit, 2018.

ATO 3: AUTONOMIA ÉTICA E CONTEXTO POÉTICO

Para além das dimensões poéticas dedicadas à percepção simbólica da aliança entre cultura e natureza que o projeto da Biblioteca José Vasconcelos carrega, é preciso investigar sua contribuição como instrumento paisagístico de transformação urbana, um paradigma frente às demandas ambientais e infraestruturais cada vez mais extremas de incontáveis contextos como o seu e que nos permitir reconhecer como "a construção de arquiteturas, por menores que sejam, pode atuar com autonomia na tentativa de enfrentá-los." (CARR, 2019, p. 84).

De início, reconhecemos que ações dessa natureza guardam em si aspectos políticos intrínsecos e responsáveis por elevar suas dimensões poéticas a outras de ordem ética, ou seja, diante da irrefutável predominância do contexto do capital, o comprometimento do arquiteto com esse diálogo se manifesta como reivindicação por uma realidade urbana distinta de seu meio físico e de seus habitantes. É essa atitude que, quando real e ativa como nesse caso, evidencia-nos o exercício de uma autonomia prática – além de teórica – quando tomada precisamente como uma conquista de ordem política e de enfrentamento às operações especulativas das cidades. Assim, se entendemos que "a acumulação capitalista consiste numa onda avassaladora de novas tecnologias como meio de dominação humana da natureza" (AURELI, 2008, p. 25), vemos como a ideia de Jardim também pode ser gradualmente compreendida como um instrumento anticapitalista frente ao embate fundamental da mercantilização do solo como meio produtivo e sua preservação como ambiente natural – ou mesmo, entre o capital humano produtivo e a experiência do ócio que (o jardim) também suscita:

> "Mesmo que o jardim possa abrigar a produção, ele não é (apenas) um espaço produtivo: é a projeção de uma ambição de vida que, na história, foi muito além do mero trabalho para almejar o prazer, a meditação, o agonismo, o debate, o hedonismo, o amor, o retiro espiritual, a diversão, a arte, a amizade e muitos outros aspectos da experiência humana que são frequentemente desvalorizados hoje, quando a economia é o paradigma dominante de nossas existências. Desse ponto de vista, os jardins são ociosos, quase inúteis na cidade contemporânea – e podem, portanto, representar um desafio ao status quo." (AURELI; GIUDICI, 2018, p. 2).

Portanto, da 'paciência à urgência' e da 'pesquisa à ação', a conduta explicitada por esse processo conceitual da Biblioteca José Vasconcelos pode ser admitida como aquela em que o exercício da arquitetura e do paisagismo se dá por meio de uma ação conscientemente inaugural de um projeto total muito maior que pretende se disseminar – como forma de transformação, resistência e reivindicação – na construção de uma outra realidade urbana futura.

Junto a isso, revisitando a história do conceito de jardim e de sua relação com a arquitetura, primeiro constatamos como em seu passo a humanidade acabou por instaurar uma dualidade derivada da intrínseca noção de demarcação de fronteiras – dentro e fora – e de posse – conter e acumular – que passaram a condicionar esse conflito 'original' de nossa sociedade que se perpetua desde então: "Os jardins, portanto, personificam a ambivalência original do espaço doméstico, tanto como forma de dar estabilidade e orientação à vida quanto como instrumentos para demarcar a propriedade da terra." (AURELI; GIUDICI, 2018, p. 2) Assim, essa interdependência entre a Arquitetura e o Jardim vai definindo o segundo como arquétipo e, depois, como fundamento arquitetônico em si mesmo caracterizado como um instrumento estruturador de limites – ou seja, 'fechamentos' – capaz de se consumar por meio de elementos construídos exclusivamente a partir dos princípios da arquitetura: "A prática do jardim e o jardim

como espaço arquitetônico se baseiam no mesmo elemento – um recinto que define um interior como espaço de controle, atividade e cuidado." (AURELI; GIUDICI, 2021, p 17).

Desse modo, compreendendo que a presença da arquitetura também é responsável por determinar condições de domesticação e limite perante seus contextos – seja como autonomia ou como integração – é evidente que essa aliança se apresenta, para o bem e para o mal, como um fundamento próprio: Jardim e Arquitetura fundidos em formas finitas, fechadas, idealizadas e construídas pelo ser humano com as matérias que tem (naturais) e com as que ele mesmo cria (construções). Com isso, podemos entender que, enquanto a arquitetura compartilha seus fundamentos com o jardim, este também subsidia a arquitetura com os seus domínios, e que

> "talvez a principal contribuição que essa prática possa oferecer à arquitetura do jardim seja justamente repensar a natureza desse recinto; em vez de considerá-lo um limite impermeável, o caráter coletivo do jardim pode renegociar constantemente a natureza desse limite, tornando-o visível em vez de ocultá-lo." (AURELI; GIUDICI, 2021, p 17).

Ou seja, dentre outras, uma reflexão que pode suscitar essa concepção teórica e prática é, precisamente, a revisão da ideia de limite – afetada pelas ordens ética e política do termo – em tudo o que constitui a arquitetura, sobretudo nos aspectos que apontam às suas estruturas condicionantes no território e na paisagem urbana. Assim, se assumimos que "em sua natureza voltada para dentro e protegida, o jardim tem um caráter inerentemente agonístico em relação ao seu entorno" (AURELI; GIUDICI, 2021, p 18), podemos reconhecê-lo (no sentido de 'assumi-lo' e 'voltar a conhecê-lo') como um potente instrumento de autonomia combativa da própria arquitetura em prol do conjunto de reivindicações explicitadas anteriormente.

Figura 15: Transformação da área do projeto entre os anos de 2001 e 2025.



Fonte: GOOGLE EARTH. Vistas aéreas da Biblioteca José Vasconcelos. Imagens capturadas em 2001 e 2025. Disponível em: https://earth.google.com. Acesso em: 1 mai. 2025.

Portanto, retornando à Biblioteca José Vasconcelos, revela-se singular como a determinação de sua propriedade, mesmo que agenciada por um Estado, é reivindicada a serviço de sua dimensão pública e não privada. Ainda que estabelecida como um equipamento institucional público, não é por essa definição elementar que sua presença como fato simbólico se assegura. Pelo contrário, é necessária uma atitude – ou ato projetual – deliberadamente contraposta ao seu contexto, aqui consolidada pela presença do jardim (e evidentemente da arquitetura) que

> "simboliza, alegoriza e frequentemente sublima as condições de poder que definem o território como um todo dentro do microcosmo de uma forma finita. É, ao mesmo tempo, um projeto do que está por vir e uma realidade alternativa à realidade circundante; embora possa ter um propósito pragmático, como fornecer alimentos, nunca é um dispositivo puramente assim, mas, sim, uma tentativa de construir um modelo, uma forma de vida que (ainda) não é possível fora de seus muros." (AURELI; GIUDICI, 2018, p. 3).

Figuras 16 e 17: ‘Jardins Baixos e ‘Ambientes’ registrados em 25 de maio de 2025 para esta pesquisa.



Fonte: Luis Martínez Maytorena, 2025.

Figuras 18 e 19: ‘Jardins Cultivo’ da subestação elétrica convertida em estufa e lago principal em frente.



Fonte: KALACH, Margot. In: ADRIÁ, 2021, p. 89 (esq.) e BAAN, op. cit, 2018 (dir.).

Ou seja, a autonomia da Biblioteca elucida a potência que sua condição de contraposição a um entorno fraturado e esvaziado de sentido pode estabelecer como um princípio de mudança da situação urbana vigente, suplantando-a gradualmente por meio da sucessão de outras ações equivalentes. Assim, podemos entender que a disseminação desses atos – impulsionados pela presença do artefato 'Arquitetura-Jardim' – seria o instrumento primário para a transformação da cidade num 'jardim total' precisamente estruturado a partir de todas as camadas definidoras de seu *locus* específico.

Nesse sentido, levando em conta as questões ambientais emergentes e as características geográficas da cidade, entendemos que a Biblioteca e seu jardim podem ser vistos primeiro como um 'manifesto ecológico' que demonstra a imprescindibilidade da recuperação dos espaços verdes e naturais dentro de sua árida massa urbana. É preciso salientar que o que se pretende com esse novo ambiente não é um éden isolado, mas sim um jardim que, dentre muitos outros a serem também cultivados e disseminados pela cidade, emane como instrumento ecológico e infraestrutural para a instauração de um jardim urbano total – conforme anunciado por Kalach ao propor que todos os edifícios públicos deveriam se oferecer à cidade como plenos jardins. Diante disso, o seu acontecimento se converte em um 'manifesto pedagógico' quando, como ação simbólica reativa da arquitetura às conjunturas ambientais extremas atuais, reivindica não apenas a exaltação do conhecimento humano e racional, mas também daquele natural e sensível: a Arquitetura é construção (Biblioteca) e paisagem (Jardim), sintetizadas numa única estrutura simbólica e ecológica. Assim, principiando com a criação de seu próprio lugar (conforme fig. 10), a biblioteca humana é imersa em sua própria biblioteca natural como "uma grande arca, que navega imóvel pelas estações e os anos, envolvida por um jardim que sempre é o mesmo e sempre é outro." (LOBATO VALDESPINO, 2010, p. 56).

EPÍLOGO: O DESEJO POR RAÍZES PROFUNDAS

Ao tomarem "a biblioteca como um pretexto e o jardim botânico como um desejo" (ADRIÀ, 2007, p. 82), Kalach e seus colaboradores colocam em evidência o viés político inaugural de suas escolhas e proposições. Mostram que também carregam o intuito de contribuir para uma conscientização ética que, por meio de cada um de seus elementos simbólicos, reflita sobre os sentidos humanos e o seu vínculo com o todo maior do qual participam. Portanto, tomada agora como um fato consumado, a Biblioteca José Vasconcelos nos coloca diante de uma tese arquitetônica e paisagística enraizada da totalidade de seus tempos e de seus espaços, e cujo engendramento lhe permite alcançar uma universalidade que a torna cultura e natureza ela própria, fazendo com que se veja referenciada em visões poéticas de tradições que transcendem o específico e a convocam como um artefato bem-vindo em outros infindáveis domínios.

Portanto, as metáforas da árvore, da semente e das raízes não são gratuitas e o artefato 'Arquitetura-Jardim' não pertence somente aos mexicanos, mas à toda humanidade. Como eles mesmos há muito apontam, existe em suas culturas ancestrais uma delicada sabedoria enraizada em uma compreensão espacial – onde "o jardim simboliza a unidade primordial, fundada no pacto entre todos os seres vivos. No paraíso, a água fala e dialoga com a árvore, com o vento, com os insetos. Tudo se comunica, tudo é transparente. O homem é parte do todo." (PAZ, 1996, p. 169) – e em uma consciência temporal a partir das quais "poderíamos muito bem recuperar a unidade do mundo, um mundo que todas e todos habitamos, um mundo no qual estamos de passagem." (LAFOURCADE, 2021, 23min 45s). Eis um caminho para outro futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÀ, Miquel. **An Overview of Contemporary Mexican Architecture.** Architecture and Urbanism, n. 389. Tokyo: fev. 2003.

_____. **El arca y el jardín.** In: ADRIÁ, Miquel; GARCÉS, Isabel. **Biblioteca Vasconcelos Library.** Cidade do México: Conaculta / Arquine + RM, 2007.

AURELI, Pier Vittorio. **The Project of Autonomy:** Politics and Architecture within and against Capitalism. Nova York: Princeton Architectural Press, 2008.

AURELI, Pier Vittorio; GIUDICI, Maria Sheherazade. **Gardeners' world:** a short history of domestication and nurturance. The Architecture Review, n. 1478. Londres: fev. 2021.

AURELI, Pier Vittorio; GIUDICI, Maria Sheherazade. **Gardening at Night:** revisiting the architecture of the garden. Londres: Architectural Association School of Architecture, 2018.

BARRAGÁN, Luis. **Discurso de aceptación del Pritzker Architecture Prize.** In: RIGGEN, Antonio (org.). **Luis Barragán: Escritos y Conversaciones.** Madrid: El Croquis, 2000.

CARR, Lili. **Revisit: Biblioteca Vasconcelos, Mexico City, Mexico, by Alberto Kalach + TAX.** The Architecture Review, n. 1457. Londres: dez. 2018-jan. 2019.

EGGENER, Keith L. **The Presence of the Past:** Architecture and Politics in Modern Mexico. Architecture and Urbanism, n. 389. Tokyo: fev. 2003.

JIMÉNEZ, Carlos. **The Convex Garden:** Some Remarks on Three Works by Alberto Kalach. In: ADRIÀ, Miquel. Alberto Kalach. **Taller de Arquitectura X.** Cidade do México: Arquine, 2021.

KALACH, Alberto. **El paraíso es un jardín.** In: ADRIÀ, M. **Alberto Kalach.** Barcelona: G. Gili, 2004.

LAFOURCADE, Natalia. **Un Canto por México - El Musical.** Direção: Bruno Bancalari. Produção: Juan Pablo López-Fonseca / Elefante. [S.l.]: Sony Music Entertainment México, 2021. 1 vídeo (24 min 34 s). <https://www.natalialafourcade.com.mx/videos/musical-un-canto-por-mxico>. Acesso em: 1 jun. 2025.

LOBATO VALDESPINO, Juan Carlos. **Idea, diagrama y argumento del proyecto arquitetónico en los concursos de arquitectura:** Biblioteca Vasconcelos en la Cd. de México (2003-2010). 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Univ. Nac. Autónoma de México, Cidade do México, 2010.

MORÁN BREÑA, Carmen. **Ciudad de México renueva el orgullo de su pasado prehispánico en la celebración de los 700 años de Tenochtitlan.** El País: México, Madrid: 30 jun. 2025 <https://elpais.com/mexico/2025-07-01/la-capital-mexicana-renueva-el-orgullo-de-su-pasado-prehispanico-en-la-celebracion-de-sus-700-anos-de-historia.html>.

PAZ, Octavio. **Entrevista concedida a Braulio Peralta.** In: PERALTA, Braulio. **El poeta en su tierra:** Diálogos con Octavio Paz. Cidade do México: Editorial Grijalbo, 1996.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira.** Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SOUSTELLE, Jacques. **La vida cotidiana de los aztecas en vísperas de la conquista.** Trad. Carlos Villegas. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

VÁZQUEZ MARTÍN, Eduardo. **Poetics and Politics in the Architecture of Alberto Kalach.** In: ADRIÀ, Miquel. Alberto Kalach. **Taller de Arquitectura X.** Cidade do México: Arquine, 2021.